

Favelados da 110 abandonados em Sobradinho

As 72 famílias de ex-invasores da 110 Norte, alojadas no Galpão João de Barro do Centro de Desenvolvimento Social (CDS) de Sobradinho, vivem em completa promiscuidade, distribuídas em cubículos de até seis metros quadrados, separados por plásticos ou lençóis. Sem luz há oito dias cerca de 350 pessoas sobrevivem em condições de miséria, à espera de que o Governo do DF lhes indique um local para assentamento definitivo em Brasília, esperança que carregam desde o dia 16 de agosto do ano passado, quando foram expulsas do Plano Piloto.

Pressionadas pela carência em que vivem, repetem-se as brigas entre as famílias que disputam o pouco espaço que coube a cada uma no alojamento, assim como a água potável disponível e os poucos sanitários. Um destes tantos atritos ocorreu ontem pela manhã, entre duas mulheres. Uma delas, grávida, identificada apenas por Francisca, praticamente destruiu a paulada da divisória do "apartamento" da vizinha, Euridice Paixão Macedo, faxineira da Encol

e mãe de duas crianças, uma recém-nascida.

A confusão começou quando Eurides pediu a Francisca que retirasse alguns de seus pertences que estavam invadindo o seu quarto. Descontrolada, Francisca pegou uma ripa de madeira e começou a espancar Euridice e a colocar abaixo as divisórias improvisadas. O resultado foi um ferimento no braço da reclamante e outro em Norma da Silva Loiola, vizinha que tentou apartar a briga.

Miséria

Em piores condições do que se encontravam na invasão da 110 Norte, homens, mulheres grávidas e crianças (alguns recém-nascidos) convivem em condições de miséria, onde a promiscuidade é total. No local, existe apenas um banheiro para homens e dois para mulheres. Para atender às necessidades do grupo, foi colocada uma privada do lado de fora do galpão, utilizada a céu aberto.

A representante dos ex-moradores da 110 Norte, Maria da Cruz, se queixa também da falta de luz há oito dias. "A situação é

dramática. Nós temos que usar velas durante a noite, correndo perigo de provocar um incêndio", reclama, observando que todas as divisórias são feitas com lençóis e plásticos.

Com o incidente entre Euridice e Francisca houve uma grande agitação dentro do galpão. Crianças e mulheres gritavam e choravam, mas do lado de fora, alguns homens nem se abalaram, por estarem acostumados com a situação. «Falta pouco, para isto aqui virar um inferno» diz Maria da Cruz, cobrando uma posição do Governo. Ela explica que após a expulsão perambularam pela Igreja Nossa Senhora das Graças, (nas proximidades do Ceub) e moraram embaixo da rampa do Congresso Nacional, de onde foram levados para o galpão do CDS, na quadra 6 de Sobradinho, onde há seis meses aguardam uma solução para o seu problema.

"Nós queremos um lugar para morar. Não queremos de graça. Todos trabalhamos e pagaremos de acordo com o nosso salário", disse Norma da Silva, mãe de quatro filhos, um deles com 13 dias de

nascido. "Aqui estamos a ponto de chegar à loucura", desabafa.

O administrador regional de Sobradinho, Hiran Ferreira, a par da situação, diz que "os ex-invasores da 110 não poderão permanecer por muito tempo no local" já que ali não tem a menor infraestrutura de alojamento. "Eles não têm condições de higiene, nem mesmo água potável. Por mais que tenhamos tentado, não podemos solucionar o problema daquela gente". Ele disse não saber da falta de luz no local, apesar de, há poucos dias, ter estado com a coordenadora do CDS.

O secretário de Serviços Sociais, Adolfo Lopes, que comandou a retirada dos invasores da 110 Norte, disse não ter mais alternativas para oferecer. "Tentamos levá-los para Brasilinha, para Corumbá de Goiás, para Padre Bernardo e ainda oferecemos passagens para os que quisessem voltar à terra de origem. Eles não aceitaram", ressalta, segundo afirma o caso está entregue à Comissão de Combate ao Surgimento de Invasões, coordenada pelo consultor José Geraldo Guedes.